

grandes desfalque um dia, quando V. Exa. no ardor da sua oração, deixar de prestar atenção às determinações médicas. E V. Exa., que tem no seu partido um médico, pode indicar como é perigoso quando macha a veia do pescoço, porque V. Exa. sumaria-se em saúde. Admito V. Exa. por defender os princípios do seu partido. Respeito-o principalmente por essa razão, e gostaria que V. Exa. também respeitasse a orientação partidária de outros partidos que formam ao lado do Partido Democrata Cristão nesta Casa. V. Exa. melhor do que ninguém, testemunha é o que digo. Mas, nobre deputado realmente me preocupa muito o estado de saúde de V. Exa.

O SR. PRESIDENTE faz soar a campainha.

O Sr. Gustavo Martini — Posso continuar?

O SR. CARDOSO ALVES — Para terminar, deputado.

O Sr. Gustavo Martini — V. Exa., nessas arrotos de entusiasmo, coloca em "suspense" o Plenário, na expectativa de que algo possa ocorrer em detrimento do Parlamento de São Paulo, com o afastamento, embora temporário, de V. Exa. O nosso partido repito, perfiuou o governo Carvalho Pinto. Fomos, inclusive, honrados com um cargo, por determinação de S. Exa., o Professor Carvalho Pinto, nesta Casa, como um dos seus vice-líderes. Saiu o honrado Governador Carvalho Pinto. (Muito bem!) e a direção partidária do meu partido deu nova orientação à bancada. E nós somos aquilo que V. Exa. deseja que os seus companheiros sejam; nós somos partidários, recebemos uma orientação partidária.

(São dados apertes anti-regimentais.)

O Sr. Gustavo Martini — Não é preciso ter esse receio porque nós, santistas, não inchamos a veia do pescoço. Nobre deputado Cardoso Alves, sei que V. Exa. vai exigir que eu termine o meu aparte. Mas as mesmas palavras que ouvimos há dois ou três anos aqui, neste plenário, gostaríamos que fossem ouvidas também nesta tarde, quando os partidos políticos abandonam os interesses mesquinhos da política rasteira e olham o interesse do Estado líder da Federação. Preferimos ficar com a orientação do nosso partido, porque não estamos servindo o Governador de São Paulo, estamos servindo a pajuca, a grandeza do Estado de São Paulo. (Muito bem!)

O SR. CARDOSO ALVES — O entusiasmo de V. Exa. mostra a boa vontade, o carinho e o espírito de obediência com que a sua bancada recebeu a orientação do seu diretório regional. Não critico mais somente a bancada, passarei também a criticar o seu diretório regional. Como diz o vulgo: cai a sopa no mel. O que a sua bancada faria a moto-proprio, fez, aconselhada pelo diretório.

(E' dada um aparte anti-regimental.)

O SR. CARDOSO ALVES — Talvez tivesse acontecido isto: O partido de V. Exa. deliberou e a sua deliberação foi ao encontro do desejo pleno dos seus deputados. Nós que também pertencemos a uma bancada, a um diretório regional sabemos que o diretório regional ouve a bancada, ouve o diretório regional. E é da simbiose desse enclimamento — direção e representação partidária — que nascem as posições tomadas ou assumidas por um partido.

Mas não há de ser nada, nobre deputado. Quero agradecer a V. Exa. as suas palavras de alerta quanto a minha saúde pessoal. Fico muito grato pela estima testemunhada pelo ilustre representante santista a mim a pessoa. ... eu prefiro que inche a minha veia do pescoço a inchar a minha consciência. Que o mal fique pelas veias, que não atinja o âmago do meu caráter, que este fique intacto que não sinta absolutamente nada. Prefiro que inche a veia do pescoço e que a consciência continue sem nenhum hematoma, limpa, límpida, ativa, fiel às minhas origens. Nasci em urnas contrárias as do sr. Adhemar de Barros, vou defender no Parlamento posição contrária a do sr. Adhemar de Barros. V. Exa. acha que serve São Paulo — eu também sirvo São Paulo. Só que V. Exa. serve São Paulo no governo, eu sirvo na oposição. E o simples exame do perfil do Parlamento mostra que é muito mais difícil servir na oposição de que servir no governo. Servir no governo é muito fácil — disputam a posição de melhor servir-se no governo. E poucos são aqueles que ficam na oposição. Muitos defendem muitas teses e na hora de votar votam contra as teses que defenderam.

Assim nobre deputado Gustavo Martini: eu não leci crítica alguma a pessoa de V. Exa. e não faço nenhuma análise do seu físico. Desejo que V. Exa. seja dotado de uma saúde férrea. Não se importe mais com a veia do meu pescoço. E se algum dia tiver de fazer observações sobre mim, faça-as a minha consciência, deixe o físico de lado.

Os srs. deputados poderão servir São Paulo ainda nesta oportunidade. O nobre deputado Gustavo Martini gosta de servir São Paulo. Será servir São Paulo dizer que o "Diário da Noite" de hoje está errado, que a máquina arcaica está trincada, que os funcionários nomeados estão nos seus lugares que tudo está sendo arrebitado, o tempo e a hora que a sonegação está sendo combatida, que os diretores do "Diário da Noite" estão errados perseguindo o governo, injuriando e caluniando o chefe do governo. É uma maneira de servir São Paulo. Eu então digo que o "Diário da Noite" está certo, que o Secretário da Fazenda deve levar para o Secretário os funcionários que o sr. Governador afastou por política, exigir dele a plenitude do domínio da sua pasta, reconhecer no seu lugar o sr. Sebastião Moreira Teixeira. E

uma maneira também de servir São Paulo. Ou ainda vir dizer que erramos no voto, que não entendem tendências, o aumento do imposto de vendas e consignações, que cobram que se arrebitam e que viriam para o corrente excedido 14 de seu erro votando a vigência da lei da escolha para a partir de 90 dias da sua publicação. Há várias maneiras de servir São Paulo.

Mas como V. Exa. Laveté de constatar sempre a melhor maneira de servir São Paulo é na base do servente, contínuo, porteiro, do guarda de presépio, do escrivão e do chefe de seção, da transferência e do despacho pronto do papel, e da votação humilde do aumento do imposto de vendas e consignações, da aprovação servil do veto do Poder Executivo, aceitando a palavra do Sr. Governador como a palavra de Roma. "Roma locuta est", voto com Roma porque assim eu particiço das delícias da corte.

E sem nada insinuar, mas garantindo, eu afirmo a V. Exa. que este Parlamento ouvirá a palavra de Roma, e na base do servente, do contínuo, do porteiro, do chefe de seção, ou melhor, pois isso é muito, do escrivão da transferência e da remoção, do comissionário, do guarda marítimo. V. Exa. é de Santos, nobre deputado Martini, o guarda marítimo! — O veto do Governador será inapelavelmente mantido.

Até o nobre deputado Wilson Lapa, bravo representante do sertão, que certa feita afirmou sua voz por um momento que bate implacavelmente na cabeça da mata votaria quieto, sem justificar verdadeiramente o acerto de seu voto.

O Sr. Batista Botelho — V. Exa. permite um aparte?

O SR. ROBERTO CARDOSO ALVES — Muitos deputados assim votaram desde o P. S. T. até o P. S. P. Desde o P. S. T. até o P. R. T. Desde os egípcios, ou os ex-deputados de todas as legendas que tomaram determinações drásticas até aqueles que permanecem nas bancadas que servem São Paulo, (entre aspas), servindo ao Governo. O veto permanecerá como um imperativo de consciência cívica (entre aspas), da maioria parlamentar ávida de servir insopitavelmente ao Governo.

Mas o nobre deputado Wilson Lapa parece que vai declarar que votará contrariamente ao veto. Vamos ouvir o aparte de V. Exa.

O Sr. Wilson Lapa — Nobre deputado Cardoso Alves, nest' altura do discurso de V. Exa. já não me animaria em entusiasmar-me, não me animaria na dedicação que sempre eu presto a todo instante em que ocupo a tribuna, que seja na discussão quer seja no aparte, porque a posição de V. Exa. me entristece muito. Verifico que a despeito da cultura da inteligência e da personalidade marcada de V. Exa. e sendo homem situado na política de maneira ideologicamente distinta, perde-se V. Exa. nas divagações nas insinuações primárias, a alcançar os seus colegas de maneira assim tão desprezível.

Chega a ser quase ridículo o que faz V. Exa. na tribuna. Deserve a sua personalidade. Diz que sua consciência não está realmente tranqüila. É um homem atormentado. Precisa dar de si tudo, erguer sua voz entusiasmar-se, falar com violência. No seu meu entender, nobre deputado, além daquelas qualidades que anunciei que adornam a personalidade de V. Exa., V. Exa. é, sobretudo, um artista. Reverencio-me perante V. Exa. A democracia permite o exercício dessa liberdade. Continue dizendo. Mas num futuro próximo V. Exa., por certo, com a formação que tem e na serenidade em que, quem sabe, deverá em pouco repousar de novo em sua consciência, há de verificar, envergonhando, o procedimento que tem nesta hora em que defende assunto da maior importância para a vida deste parlamento e para o governo de São Paulo. Fica V. Exa., nobre deputado Cardoso Alves, com o nosso respeito e, em seguida, também com a nossa benevolência, com a nossa aceitação diante das afirmações assim tão perigosas que faz V. Exa., não em relação aos seus colegas, mas principalmente em relação a V. Exa. mesmo.

O SR. ROBERTO CARDOSO ALVES — V. Exa., nobre deputado, não vai ter uma resposta muito adequada. Vou passar, como gato sobre brasa, pelas assertivas mais cruéis que V. Exa. fez. Vou ignorá-las, numa homenagem à amizade que tenho por V. Exa., à admiração que tenho pela patativa de Fernandópolis, pelo monjolo que bate e rebate no coração da mata pelo otador canoro que é V. Exa. nesta Casa. A crueldade de certas expressões de V. Exa. será peste de lado. "Si et in quantum", e vou dialogar com V. Exa., somente para justificar perante os meus companheiros a minha atitude. Em primeiro lugar, não creio que raciocínio exista na maioria parlamentar, movida por interesses políticos junto ao Poder Executivo, cobrada por uma série de prestígios que emanam da mão do Sr. Governador. Em segundo lugar, não creio que argumentos técnicos possam sensibilizar as consciências ou os raciocínios guardados por carapagas tão poderosas. E, em terceiro lugar, nobre deputado Wilson Lapa, não ofendi a nenhum companheiro, não fiz o menor exame pessoal de ninguém, não teci uma ínfima consideração que fosse em torno da pessoa da honra, da dignidade de qualquer companheiro meu desta Casa, de nenhum senhor deputado. Simplesmente analisei a sua conduta política. E os homens públicos que pretendem atravessar incólumes a vida pública, devem ter a rufan-lhes nos omoplatas asas seraficas. Todas as nossas análises pela nossa conduta, todos nós somos dissecados pela nossa atuação política. E é ou não é legítimo a um deputado que amarga a condição de episcopista — porque é dura a condição de não poder ser-

vir os amigos, é dura a condição de não poder atender pedidos os mais legítimos, é dura a posição de não poder bater às portas das autoridades para levá-las os casos justos — e é ou não é legítimo a um deputado que luta numa matéria que dia a dia se torna menor e menos expressiva, analisar o procedimento de pessoas que saíram de umas vestidas de preto e vestiram-se a seguir de festa, de branco e de luzes? Não podemos analisar a ideologia do Sr. Plínio Salgado, ou do deputado Wilson Lapa, conformada ao pensamento político do Governador Adhemar de Barros, ou do nobre deputado Cido Albuquerque? Não podemos ironizar determinados passos da vida parlamentar? Somos obrigados a levar tapadas na cabeça e ajoelhar-nos reverentes a um procedimento desses? Ou é lícito que analisemos, às vezes mediante certa jocundidade, a posição de alguns parlamentares? Por que hei de me envergonhar por ter votado contra o aumento do imposto de vendas e consignações? Por que hei de me envergonhar por analisar, como é de meu dever, a posição política de partidos e de deputados que não mereciam ser partidos e que não mereciam ser deputados? Porque me envergonhar por reconhecer na face de alguns parlamentares a máscara que reflete a traição ao voto popular, a turbância das suas origens políticas, o desmentido da sua palavra na praça pública?

Não me envergonho, nobre deputado Wilson Lapa. Olho a todos. Não faço nenhuma restrição pessoal, mas tenho o direito de fazer restrições políticas a certos companheiros que apanharam conosco a urnas e que depois foram gozar a vitória dos outros; a certos companheiros que, antes, como dizia Saint Exupéry, eram marinheiros do mesmo barco e quando o barco se afundava, lançaram mão dos primeiros botes salva-vidas e correram para os outros barcos ou para o lado dos mais poderosos. São companheiros que divisaram apenas a botrasca e não tiveram dúvidas em atirar seus gritos e ganchos ao tombadilho da nau governamental, e imediatamente passaram-se para outro lado.

Somos obrigados a ver um espetáculo desse tipo? Não seria mais conforme a índole do sistema democrático a posição sólida na mesma estacada, no combate frontal ao governo que nasceu do candidato que combateram na praça pública?

Como o pecado se tornou verdade? Como a maldade se tornou bondade? Como o erro se tornou acerto? Apenas porque o errado, o mal, que era o candidato, se tornou Governador?

Não me envergonho, nobre deputado porque eu continuo na mesma estacada. Estou no mesmo lugar. Eu ocupo, no Parlamento, a cadeira que o povo me concedeu. Outros deixaram a cadeira popular e passaram-se para outras cadeiras sem se lembrarem de que as cadeiras não são suas mas, sim, dos Partidos que os elegeram.

Quando vejo o nobre deputado Santuli Sobrinho, candidato de dez mil votos primeiro suplente, entrando no Parlamento, marcado pela fidelidade partidária que o assinala, olhando os companheiros como sempre olhou, eu me envergonho, porque eu me lembro de que os votos tidos por S. Exa., contemplaram a outros, que não deixaram o Partido para se passarem para o lado do governo. Ou algum deputado da minha bancada preencheu todo o quociente eleitoral, elegendo-se por si mesmo? Não. Poderiam dissentir, sim, e aqui fica o meu compromisso com V. Exa.: se um dia eu dissentir da legenda que me elegeu, meu primeiro ato será a devolução ao Partido, da cadeira que a ele pertence. (Muito bem! Palmas).

(O SR. NILSON FERREIRA DA COSTA (PARA RECLAMAÇÃO) PRONUNCIA UM DISCURSO QUE POR DEPENDER DE REVISÃO DO ORADOR, SERÁ PUBLICADO DEPOIS).

O SR. CID FRANCO — (Para reclamação) — Sr. Presidente, em nome do Partido Socialista, a que pertence o presidente da União dos Ferroviários da Sorocabana, quero hipotecar inteira solidariedade aos ferroviários. Luiz Grecco é também meu companheiro de partido, candidatou-se pela nossa legenda. Infelizmente não alcançou "quorum" para ser um dos melhores vereadores da Câmara Municipal de S. Paulo.

Sr. Presidente há poucos dias chamei a atenção desta Assembléa e do povo para o que ocorre na Estrada de Ferro Sorocabana. Em pleno século XX, há trabalhadores habitando durante 12 horas seguidas e recebendo apenas o salário que corresponde a 8 horas. Uma conquista dos trabalhadores do século XIX, as 8 horas diárias de trabalho, ainda não é cumprida na Estrada de Ferro Sorocabana.

Havendo tanta variedade aos ferroviários e cumprimentando o representante da União Democrática Nacional que trouxe esses fatos ao conhecimento da Assembléa, quero dizer que os socialistas que lutam por uma democracia não apenas política, mas também social e econômica, estão inteiramente de acordo com esse protesto e desejo de que os ferroviários autênticos e não os falsos de massa ferroviária da Sorocabana possam chegar a Pernambuco de qualquer forma, antes ou depois daqueles que viajarão de avião representando a cúpula da Sorocabana, a sua direção, e não a sua base, a sua massa, os seus trabalhadores.

O SR. PRESIDENTE — A Presidência solicita ao nobre deputado Nilson Ferreira da Costa que deixe sobre a mesa os documentos necessários para que a Presidência possa melhor esclarecer os acontecimentos apontados por S. Exa.

Continua com a palavra o nobre depu-

tado Roberto Cardoso Alves, por dois minutos.

O SR. CARDOSO ALVES — (Sem revisão do orador) — (Para reclamação) — Sr. Presidente, quero solidarizar-me com os trabalhadores da Sorocabana contra o que vem ocorrendo ali e com os termos do manifesto lido por esta Casa pelo nobre representante da cidade de Bauri Empreito aqueles trabalhadores toda a minha solidariedade. O fato denunciado, da representação que seguiu para o Recife por via aérea, certeza, portanto, de todo o conforto, e a repressão contra os trabalhadores que aqui estavam solicitando fundos para a ida da representação autêntica a Recife, são acontecimentos que ocorrem constantemente neste regime. Vários Srs. deputados auxiliaram os trabalhadores, alguns de seu bolso, como o orador que ocupa a tribuna, outros como o nobre deputado Sólton Borges dos Reis, do seu bolso e da sua verba pessoal, com 500 mil cruzeiros. Muitos parlamentares, tenho a certeza, principalmente os da minoria ainda os ajudaram, porque es da maioria parlamentar certamente estão com os que foram de avião. Mas, é natural que isso ocorra neste regime, neste instante em que somos governados pelo Sr. Adhemar de Barros, que manda pelegos para as representações sindicais. Um governo que trata os trabalhadores a pau, à bala e a cadeia, que estuda com o deputado Broca Filho inclusive a colocação de pimenta em bombas, tecnicamente preparadas e que provocam a cegueira temporária dos trabalhadores, para uso em greves, só pode pretender a sua representação através de pelegos.

Mas o nobre deputado Cid Franco traz à Assembléa um fato que, a meu ver, é de maior gravidade: que a Sorocabana não cumpre com as leis trabalhistas, nem tão pouco com os estatutos dos funcionários públicos do Estado, e que há ali homens que trabalham mais de 8 horas e não ganham por toda a jornada de trabalho, vencendo somente pelas oito horas. Assim sendo, Sr. Presidente, quero requerer a V. Exa. a constituição de uma comissão parlamentar de inquérito para constatar a veracidade da denúncia do nobre deputado Cid Franco, isto é, que a diretoria da Sorocabana não cumpre as leis trabalhistas nem os estatutos dos funcionários e que há ali homens que trabalham mais de oito horas e que vencem menos do que o devido pela jornada de trabalho que realmente fazem.

O SR. OLAVO ORNEAUX DE MOURA — (Sem revisão do orador) — (Para reclamação) — Sr. Presidente, inicialmente, agradeço a V. Exa. a palavra pela ordem, como agradeço também ao nobre deputado Cardoso Alves por haver permitido que eu usasse da palavra neste instante. Há pouco eu chamava a atenção desta Casa para este dado que é de uma importância e que talvez torne desnecessária essa comissão parlamentar que solicita o nobre deputado Cardoso Alves. E quero esclarecer também ao ilustre, brilhante e excepcional parlamentar que é o nobre deputado Cid Franco. Este deputado, logo no início de suas atividades parlamentares, apresentou a esta Casa uma moção que deveria ser encaminhada ao Congresso Nacional, porque tratava exatamente deste aspecto gravíssimo do problema da Consolidação das Leis do Trabalho. Isso não está na alçada do governo do Estado. E ratifico aqui mais uma vez a minha posição nesta Casa, te cipeção ao Sr. Governador do Estado, mas neste instante rendo-lhe a minha homenagem porque ele não tem culpa desta situação que prevém de um defeito lamentável da Consolidação das Leis do Trabalho, que permite que determinados trabalhadores exerçam 12 horas de atividade e só percebam por 8 horas. E a razão da minha moção nesta Casa foi derivada de uma ação judicial dos ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana em Concelção de Itanhaém, na linha Santos-Juquiá, que foi julgada pelo Juiz da Comarca de Itanhaém. Nessa ação o juiz lamentava a decisão judicial, pois não encontrava condição jurídica para dar ganho de causa aos ferroviários.

Daí porque ele, Dr. Lair Loureiro, solicitava a este deputado, seu amigo particular, que encaminhasse o assunto nesta Casa e foi com os elementos fornecidos por ele que elaborei a moção a ser dirigida ao Congresso Nacional, para que a Consolidação das Leis do Trabalho fosse modificada nesse aspecto. Mas, Sr. Presidente, é com profundo pesar que devo declarar a V. Exa. que até hoje não tive a satisfação de saber o resultado dessa moção, não sei mesmo se esta Casa a encaminhou ao Congresso Nacional. Portanto, acredito que a minha questão de ordem vem auxiliar inclusive o próprio pronunciamento da digna Presidência. E devo declarar, ainda, a minha solidariedade aos ferroviários, e nem poderia deixar de fazê-lo, pois sou médico ferroviário, convivo com essa gente, conheço suas amarguras, suas angústias, suas dificuldades, seus sofrimentos, suas misérias, suas dificuldades de ordem familiar. Foi por isso que aqui estive, ocupando esta tribuna durante a greve dos ferroviários, e várias horas até ininterruptas, para chamar ao governador do Estado — que tivesse nesse episódio um pouco de espírito de justiça para com essa gente, um pouco de solidariedade humana, de caridade cristã, para com eles, porque vivem em dificuldade e merecem o apoio e a solidariedade de todos nós. E justamente no sentido de fazer com que eles participassem em toda a sua plenitude dessas reivindicações do seu congresso ferroviário, é que este deputado, amanhã, exatamente às 20 horas, na sede da Associação Atlética dos Ferroviários de São Vicente fará, já anunciado que foi, o sorteio para duas viagens aéreas de ferroviários de São Vicente, Santos e Litoral, para participarem desse congresso, passageiros estas graças que nós obtivemos para eles. Portanto, esta também é a comunicação que quero fazer a Casa, não tanto como contribuição deste deputado, mas de todo o Parlamento paulista.